

ELSINORE



**ÉDOUARD
LOUIS**
**HISTÓRIA
DA VIOLÊNCIA**

Para Geoffroy de Lagasnerie

— pronto, algumas horas depois daquilo a que a cópia da minha queixa, que ainda guardo dobrada em quatro numa gaveta, chama «tentativa de homicídio», saí de casa e desci as escadas.

Atravessei a rua debaixo da chuva para ir lavar os lençóis a noventa graus na lavandaria lá em baixo, a menos de cinquenta metros da porta do meu prédio, curvado e com as pernas a fraquejar sob o peso de um saco de roupa demasiado incómodo.

Ainda não tinha amanhecido por completo. A rua estava vazia. Eu estava sozinho e caminhava, os meus pés tropeçavam, só tinha de dar uns quantos passos e, contudo, a pressa fazia-me contar: *Só mais cinquenta passos, vá lá, só mais vinte passos e já lá estás.* Acelerava. Também pensava, impaciente pelo futuro que, de algum modo, atiraria, mandaria, despacharia aquela cena para o passado: *Daqui a uma semana vais dizer: já passou uma semana desde que aconteceu; e daqui a um ano vais dizer: já faz um ano que aconteceu.* A chuva gelada, não muito intensa, mas extremamente fina, minúscula, desagradável, infiltrava-se pela lona dos meus sapatos, a água propagava-se pelas solas e pelo tecido das meias. Tinha frio — e pensava: *Se calhar ele vai voltar, vai voltar, e eu fico condenado a andar sempre de um lado para o outro, ele condenou-te a andares sempre de um lado para o outro.* Na lavandaria só estava o dono do estabelecimento, pequenino, atarracado. Os ombros e a cabeça assomavam por trás de fileiras de máquinas. Perguntou-me se estava tudo bem e eu respondi «não», tão rispidamente quanto

fui capaz. Esperei pela sua reação. Queria que ele reagisse. Ele não quis saber mais nada, encolheu os ombros, virou a cabeça, entrou num gabinete estreito escondido por trás das secadoras, e eu detestei-o por não me fazer mais perguntas.

Regressei a casa com os lençóis lavados. Suava ao subir as escadas. Voltei a fazer a cama, mas parecia que continuava a sentir-se o cheiro de Reda, por isso acendi velas e queimei incenso; não era suficiente; peguei em desodorizantes, em ambientadores, nos perfumes que me tinham oferecido no último aniversário, nas águas-de-colônia, e aspergi os lençóis com tudo isso, ensaboei as fronhas das almofadas, que, contudo, tinha acabado de lavar, e o tecido cuspiu a água sob a forma de pequenas bolhas sobrepostas, aglomeradas. Ensaboei as cadeiras de madeira, passei uma esponja molhada pelos livros em que ele tocara, esfreguei as maçanetas das portas com toalhetas de limpeza, limpei minuciosamente, uma a uma, as lâminas de madeira das persianas, desloquei e troquei as pilhas de livros pousadas no chão, puxei o lustro à estrutura metálica da cama, pulverizei a superfície lisa e branca do frigorífico com um produto à base de limão; não conseguia parar, movido por uma energia próxima da loucura. Pensei: *Antes louco do que morto*. Esfreguei o duche que ele tinha utilizado, despejei vários litros de lixívia pela sanita e pelo lavatório (pelo menos, pouco mais de dois litros, isto é, uma garrafa de litro e meio ainda por abrir, e outra a meio), esfreguei a casa de banho toda, um absurdo, chegando ao ponto de limpar o espelho no qual ele se tinha olhado ou, melhor, admirado nessa noite, deitei fora as roupas em que ele tocara, pois lavá-las não seria suficiente; não sei porque o fora para os lençóis, mas não para as roupas. Esfreguei o chão, de gatas, com a água a ferver a queimar-me os dedos; o pano arrancava-me a pele amolecida em tiras pequeninas e retangulares. Os pedaços de pele enrolavam-se em si mesmos. Eu parava, inspirava

profundamente, fungava, na verdade, como um animal, tinha-me transformado num animal à procura do cheiro que parecia nunca mais desaparecer, apesar de todos os meus esforços, o cheiro dele não desaparecia e eu cheguei à conclusão de que estava em mim, não nos lençóis, nem nos móveis. O problema vinha de mim. Entrei no duche, lavei-me uma vez, depois duas, depois três e assim por diante. Usei sabonete, champô, amaciador em todo o corpo para o perfumar o mais possível, o cheiro dele parecia ter-se incrustado em mim, dentro de mim, entre a carne e a epiderme, e eu arranhava todas as partes do meu corpo com as pontas das unhas, espetava-as com força, com obstinação, para chegar até às camadas internas da pele e tirar de lá o cheiro dele, e praguejava: *Que porra, que merda!*, e o cheiro persistia, provocava-me cada vez mais náuseas e vertigens. Por isso deduzi: *O cheiro está no interior do meu nariz. É o interior do nariz que estás a cheirar. O cheiro está bloqueado dentro do meu nariz.* Saí da casa de banho, voltei e despejei soro fisiológico nas narinas; inspirei com força, como quando nos queremos assoar, de maneira que, era esse o efeito que queria causar, o soro atingisse toda a superfície interior das minhas narinas; não servia de nada; abri as janelas e saí para ir ter com Henri, o único dos meus amigos que estaria acordado nessa manhã de 25 de dezembro, pelas nove ou dez horas.

É a minha irmã quem está a descrever esta cena ao marido. Estou escondido atrás de uma porta, a ouvir. Ouço a voz dela e reconheço-a, mesmo depois de tantos anos de ausência, a voz dela, na qual se misturam sempre fúria, ressentimento, ironia e, também, resignação.

Cheguei a casa dela há quatro dias. Tinha imaginado, ingenuamente, que uns dias no campo seriam a única maneira de me recompor do cansaço e da lassidão do meu modo de vida,

mas mal pousei o pé naquela casa, mal atirei o saco para cima do colchão, mal abri a janela do quarto que dá para os bosques e para a fábrica da aldeia ao lado, percebi que tinha cometido um erro e que iria regressar ainda mais melancólico e ainda mais deprimido pelo tédio.

Há dois anos que não vinha vê-la. Quando ela se queixa do meu afastamento, gaguejo uma fórmula oca, do género «Tenho a minha vida», e tento ser suficientemente convincente para a culpa ficar do lado dela.

Mas não sei o que estou aqui a fazer. Já da outra vez, ao entrar no mesmo carro desta semana, o carro que me põe doente, com o cheiro a tabaco velho, e ao ver desfilar pela janela os mesmos campos de milho e de colza, as mesmas extensões de beterraba doce que cheiram mal, as fileiras de casas de tijolo, os horrendos cartazes da Frente Nacional, as igrejinhas sinistras, as estações de serviço desativadas, os supermercados enferrujados, oscilantes, colocados no meio das pastagens, toda a deprimente paisagem do norte da França, tinha ficado agoniado. Percebi que iria sentir-me só. Fui-me embora, dizendo a mim mesmo que detestava o campo e que nunca mais voltaria. Regressei este ano. *E mais uma coisa. Não é por, inevitavelmente, acabarem a discutir cinco minutos depois de chegares que já não vens mais, pensei quando cheguei, quando já estava no carro dela, quando me pus a cantar para não falar, não é só porque tudo nela, nos seus modos, nos seus hábitos, porque tudo na sua maneira de pensar choca contigo e te exaspera. É também por já não conseguires vê-la desde que te apercebeste da facilidade e da indiferença com que a negligencias, muitas vezes cruelmente, porque esperas que ela te acompanhe nesse esforço de abandono. Agora ela sabe. Ela sabe de que frieza és capaz, e tens vergonha. Mesmo não havendo razões para teres vergonha, pois tens direito ao abandono, tens vergonha. Sabes que visitá-la te obriga a confrontares-te com a tua crueldade, com aquilo a que a vergonha te faz chamar «a tua crueldade». Sabes que estar com*

Clara te obriga a ver o que não queres ver de ti mesmo, e que, por isso, ficas ressentido com ela. Não consegues impedir-te de ficar ressentido com ela.

Desde a última vez em que a visitei, só lhe enviei alguns SMS ou alguns postais de cortesia, escolhidos ao acaso pelo vago sentimento de obrigação familiar, postais que ela colou no frigorífico, sempre garatujados à pressa num banco de jardim ou a uma mesa de café, «Beijinhos de Barcelona, até breve, Édouard» ou «Recordação de Roma, está um tempo magnífico», talvez, na verdade, menos para manter um laço ténue entre nós, como me esforço por acreditar, do que para lhe recordar a distância que nos separa e para lhe mostrar que agora estou longe dela.

O seu marido voltou do trabalho. Do sítio onde estou, consigo ver os pés dele. Clara e ele estão na sala, eu estou na divisão ao lado. A porta está entreaberta quatro ou cinco centímetros e eu ouço sem eles conseguirem ver-me, escondido de pé, hirto atrás da porta. Não consigo vê-los, só ouvi-los, só vejo os pés dele, mas adivinho-a sentada numa cadeira à sua frente. Ele escuta sem se mexer e ela fala.

— Disse-me que não sabia quase nada dele a não ser o nome: Reda.

Didier e Geoffroy acham que ele me mentiu e que me deu um nome falso. Não sei. Obstino-me a não pensar nisso e, sempre que penso, faço um esforço para afastá-lo da minha mente. Concentro-me noutra coisa, como se quisesse, depois de tudo o que ele me tirou, que me deixasse ao menos isso, como se o meu conhecimento dessas quatro letras fosse algo parecido com uma vingança, ou, se essa palavra for demasiado forte, com um poder sobre ele, diretamente extraído desse conhecimento. Não quero ter sido derrotado em todos os planos. Quando falo desta história e me dizem que é óbvio que ele não me disse o seu verdadeiro nome,

e que dizer um nome falso, num caso como aquele, num contexto assim, é uma técnica clássica, cresce em mim um sentimento de irritação e agressividade de que não consigo desfazer-me; essa ideia afigura-se-me insuportável, de um momento para o outro enraiveço-me, apetece-me gritar, apetece-me fazer calar o meu interlocutor, abaná-lo.

— Voltou a dizer-mo esta manhã. Estávamos na padaria e eu pedi-lhe que me contasse tudo outra vez.

E, de facto, a caminho da padaria tinha-lhe dito que quando Reda me apontou o revólver, já que era essa a cena que ela queria que eu contasse outra e outra e outra vez, quando ele me apontou o revólver, a pergunta que eu fazia a mim mesmo já não era «Ele vai mesmo matar-me?», pois naquele momento já não tinha dúvidas acerca disso, era irreversível, ele ia matar-me e eu ia morrer nessa noite, no meu quarto, e submetia-me às circunstâncias com aquela capacidade que uma pessoa tem de se submeter e de se adaptar a todas as situações, basta olhar para a História, mesmo nos contextos mais bizarros e mais atrozes, os homens ajustam-se, adaptam-se — e isso, disse eu a Clara, por causa da minha tendência para as declarações grandiloquentes, era simultaneamente a melhor e a pior mensagem para a humanidade, porque significava que basta mudar o mundo para mudar os homens, ou, pelo menos, a maioria, e Clara não me escutava, não era preciso mudar um de cada vez, demoraria demasiado, os homens adaptam-se, não aguentam, adaptam-se. A pergunta não era, portanto, *Ele vai mesmo matar-me?*, mas antes *Como é que me vai matar?*, ou seja, *Vai pôr-me outra vez a echarpe à volta do pescoço para me estrangular?* ou *Vai buscar facas sujas à banca da minha cozinha?* ou *Vai puxar o gatilho deste revólver?* ou *Vai descobrir outra coisa que nem consigo imaginar?*; já não esperava escapar, já não esperava sobreviver, apenas morrer da maneira menos dolorosa possível. Mais tarde, a polícia ou Clara deram-me os

parabéns pela minha coragem, e nada me parecia mais contrário e estranho a essa noite do que um conceito como «coragem». Ele dá alguns passos atrás, segurando firmemente na coronha do revólver. Estende o outro braço, o que não está a segurar a arma, sem deixar de me fitar, e tateia o monte de roupas empilhadas na cadeira da minha secretária. Volta a pegar na echarpe. Penso: *Vai estrangular-me outra vez*. Contudo, ao voltar para junto de mim, não tentou estrangular-me como fizera minutos mais cedo, antes de pegar na pistola. Não dirigiu as mãos ao meu pescoço. Desta vez tenta amarrar-me os pulsos, pega no meu braço direito, tenta chegar ao outro para me prender com a echarpe, e eu recordo-me do cheiro a transpiração que vinha dele, e também do cheiro a sexo. Eu debatia-me, impedia-o, e tinha muito medo, pensava: *Não quero morrer*, uma frase tão tristemente, tão tragicamente banal. Gritava baixinho, claro que não gritava muito alto. Não queria correr esse risco. Afastava-o, devagar, o mais devagar possível, pedia-lhe que não o fizesse. Eu resistia, ele não conseguia levar a sua avante, estava sempre a repetir, e cada vez mais alto, *Vou rebentar contigo, vou tratar-te da saúde* («tratar da saúde» não no sentido mais literal, claro, mas, naquele contexto, no sentido de «destruir»). Gritava-o. Eu tinha esperança de que um vizinho ouvisse e chamasse a polícia. *Mas se a polícia vier, é possível que o medo de ser apanhado o faça perder a cabeça e que ele, num acesso de pânico, me mate imediatamente ao ouvir a voz dos polícias através da porta a articular qualquer coisa como: Polícia, abram imediatamente*. Como não conseguia prender-me, pegou novamente na pistola, que tinha guardado no bolso de dentro do casaco de couro artificial, atirou a echarpe ao chão ou voltou a pô-la ao pescoço, já não sei, e empurrou-me de encontro ao colchão.

Na manhã do dia 25, poucas horas depois desta cena, pedalei até casa de Henri, e pelo caminho ainda pensava: *Daqui a uma*

«Conheci Reda numa noite de Natal. Estava a regressar a casa depois de um jantar com amigos, por volta das quatro da manhã. Ele abordou-me na rua e acabei por lhe propor que subisse ao meu estúdio. Depois, contou-me a história da sua infância e da chegada à França do seu pai, que tinha fugido da Argélia. Passámos o resto da noite juntos, a conversar, a rir. Por volta das seis da manhã, ele tirou um revólver e disse que me ia matar. Insultou-me, estrangulou-me e violou-me. No dia seguinte, iniciaram-se os trâmites médicos e judiciais.» É. L.

Confissão honesta, por vezes implacável, de uma noite fugaz de amor e libertação subitamente transformada no mais selvagem dos pesadelos, *História da Violência* é um romance inovador e atual, em que a emigração, o racismo, a miséria, o desejo e o trauma se conjugam sob vários olhares e vozes.

«Em *História da Violência*, Édouard Louis convoca o poder e o misticismo das tragédias gregas para afirmar a sua arte de dramatizar o real.»

Télérama

«Um romance polifónico e abismal.»

Livres Hebdo



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-563-2



9

789895 895632